

Política racial afirmativa e afetividade na interação intergrupar

Maria da Penha Nery
Maria Inês Gandolfo Conceição
 Universidade de Brasília

RESUMO

Trata-se do estudo sobre a afetividade presente na interação racial, a partir da implantação da política de cotas para negros na Universidade de Brasília. A política racial afirmativa expõe os indivíduos a processos afetivos que mobilizam os preconceitos e a politicidade dos membros dos grupos. Os suportes teóricos adotados foram a socionomia e as teorias da identidade social. Utilizou-se como método para a investigação do fenômeno o sociodrama. São descritos e analisados dois sociodramas realizados em uma turma de estudantes universitários, no período inicial da vigência do sistema de cotas. Nesses eventos, constatou-se que a interação intergrupar explicitou atitudes relativas ao racismo moderno e se iniciou a liberação de conteúdos cognitivos/emocionais impeditivos da inclusão racial.

Palavras-chave: socionomia; teorias de identidade social; afetividade grupar; política de cotas para negros

ABSTRACT

Racial Affirmative Policy and Affectivity in Intergroup Interaction

This is a study about the affectivity present in the racial interaction once the implementation of the quota policy was made for African-Brazilians at the Universidade de Brasília. The racial affirmative policy exposes individuals to affective processes that mobilize the prejudice and the politicity of members of the groups. The socionomy and the theories of social identity were used as theoretical support. Sociodrama was the method used for the investigation of the phenomenon. Two sociodramas were made in a group of university students during the initial period of the existence of the quota system and are described and analysed in the present study. In these events it has been observed that attitudes relative to modern racism were explicated during group interaction, with the release of cognitive/emotional contents impeditive of the racial inclusion.

Keywords: socionomy; theories of social identity; group affectivity; quota policy for African-Brazilians

Este trabalho trata da afetividade presente na interação racial nos grupos de estudantes, em pleno momento de implementação da política de cotas para negros nas universidades. Para tanto, foram selecionados conceitos da psicologia social e da socionomia que se centram nas relações intergrupais.

De acordo com a Teoria da Identidade Social, elaborada por Tajfel e Turner (1986), a afetividade está presente no pressuposto de que a motivação dos indivíduos é a de alcançar uma "identidade social" positiva e distinta. Para Turner (citado por Taylor & Moghaddam, 1994, p. 61), identidade social é "a parte do autoconceito de um indivíduo que deriva de seu conhecimento de ser pertencente a um grupo social (ou grupos) junto com o valor e com o significado emocional ligado a esse pertencimento."

Segundo Allport (1954), um contato intergrupar ótimo deve seguir quatro hipóteses: a situação deve conter uma igualdade de *status* para os grupos; as metas grupais devem ser comuns; a cooperação intergrupar deve ser instigada, evitando-se as competições; e as autoridades presentes na situação devem dar suporte ao contato.

Para Pettigrew (1998), o aumento da generalização da experiência intergrupar ocorre em três estratégias atuadas seqüencialmente: no estágio inicial (descategorização) do contato intergrupar, ocorrem as atrações pelas similaridades e o grupo é beneficiado quando não há saliência da pertinência grupar. Depois que a ameaça e a ansiedade diminuem, a pertinência grupar deve ser salientada (categorização saliente) para maximizar a generalização dos efeitos positivos para

além da situação imediata. Então, a recategorização se torna possível se os participantes valorizam as similaridades intergrupais e obscurecem os limites do “nós” e do “eles”. As mudanças são desejadas pelos indivíduos quando sua participação em seu grupo de origem lhes provê uma identidade social inadequada, negativa ou insatisfatória.

A afetividade, segundo Moreno (1978), é um dos núcleos geradores dos vínculos e do desenvolvimento dos grupos. Para o criador da Socionomia, ciência que estuda as articulações entre o individual e o coletivo, os vínculos e grupos são formados pela vivência afetiva nos papéis sociais.

A Socionomia postula “*um tipo de cientista que (...) deveria reconhecer sua situação dentro da própria realidade pesquisada e funcionar como um agente ou um ‘catalisador’ dos movimentos latentes de transformação que dela emanavam*” (Naffah Neto, 1997, p. 129). A socionomia possui dois ramos interligados de pesquisa, a sociométrica e a sociodinâmica, que se prolongam na sociatria, ou seja, no projeto terapêutico para a sociedade.

A sociometria estuda as estruturas dos agrupamentos humanos. O teste sociométrico, seu método principal, evidenciam as formações sociais espontâneas, conforme atributos afetivos relacionados às atrações e rejeições entre os indivíduos, diante de determinados critérios de agrupamento.

A sociodinâmica complementa as pesquisas sociométricas, na medida em que seu método principal, a interpretação de papéis (o *role-playing*), explora a dinâmica dos vínculos grupais, a partir da (re)vivência dos diversos papéis que ela pressupõe.

No desenvolvimento grupal, Moreno (1978) observou as fases sociodinâmicas de constituição que, em síntese são: *indiferenciação*, na qual os membros estão voltados para si próprios e pouco se articulam na complementação dos papéis sociais; *diferenciação horizontal*, na qual os membros iniciam um processo interacional, de percepção do outro e complementam papéis sociais na busca de objetivos comuns e; a *diferenciação vertical*, na qual os membros do grupo realizam escolhas sociométricas (ou impostas) para as realizações das tarefas, podendo ocorrer competições ou colaboração entre os participantes. Nesta etapa, evidenciam-se os processos identitários, surgem as lideranças e confrontos de poder.

A sociatria, ou o tratamento dos grupos é o prolongamento das pesquisas sociométricas e sociodinâmicas. Por diversos métodos, dentre eles, a psicoterapia

de grupo, o psicodrama e o sociodrama, a sociatria continua o

(...) trabalho de explicitação, desenvolvimento e transformação das relações intersubjetivas, seja numa dimensão que enfoca as tensões e as ideologias sociais, nas suas formas de manifestação mais amplas (entre grupos, raças, classes etc., seja nas configurações específicas que elas assumem na existência concreta de cada indivíduo) (Naffah Neto, 1997, p. 135).

Naffah Neto (1997) faz uma exaustiva avaliação sobre o sentido político da socionomia. A partir de uma visão marxista, o autor critica em Moreno a ausência da visão histórica e dos determinantes econômicos e ideológicos da constituição e reprodução da sociedade de classes. Questiona, enfim, até que ponto é possível um projeto transformador das relações sociais que não interfira na infra-estrutura econômica da sociedade.

Na reorganização sociométrica da penitenciária de Hudson, na década de 1930, por exemplo, Moreno (1978) realizou testes sociométricos e fez intervenções sociátricas durante 18 meses, para que as detentas e as carcereiras pudessem conviver com respeito, colaboração e maior afetividade. No entanto, na época, perguntavam se sua intervenção sociátrica não era ingênua, no sentido de não trazer a consciência das relações de poder vigentes naquele sistema de dominação.

Segundo Naffah Neto (1997), a experiência sociométrica de Hudson realmente não fez uma apreensão da realidade global, pois Moreno não descreveu pormenores das forças econômicas, políticas e ideológicas daquele momento histórico da sociedade americana. Porém, a Socionomia recupera um dos princípios básicos do marxismo: “*a única forma de consciência verdadeira, totalizante e transformadora é a consciência prática, a consciência que se adquire na ação coletiva do próprio processo de criação e transformação da realidade*” (Naffah Neto, 1997, p.150).

A experiência de Hudson esclareceu questões sobre as relações indivíduo-grupo-instituição e:

como práxis política, favoreceu, por uma vivência de contraste, o surgimento de uma consciência prática da situação político-social da qual partiram (...) levou à transformação de uma penitenciária numa comunidade terapêutica e uma organização social autoritária e arbitrária, numa democracia sociométrica (Naffah Neto, 1997, p. 148-154).

A experiência, portanto, despertou, pela via dos afetos, um novo nível de consciência política e social. Moreno, então, desenvolve uma concepção atomística da sociedade; priorizando a situação econômica e afetiva do grupo, não a situação econômica das classes, como se o grupo fosse uma ilha isolada no seio da sociedade. As relações econômicas tornam-se apenas um dos critérios em torno do qual a estrutura social se desenvolve.

Para Moreno (1975), o grupo constitui-se de uma complicada rede de átomos sociais, cravejada de representações mentais mútuas dos indivíduos que compõem um campo social com características próprias. Átomo social é o núcleo de todos os indivíduos com quem uma pessoa está afetivamente relacionada. O átomo social tem importante função operacional na formação da sociedade, pois se articula com outros átomos, formando novas redes sociais (Knobel, 2004).

A proximidade e a intensidade geram laços entre os indivíduos, que demonstram uma dinâmica relacional e grupal única e específica, resultante da troca de conteúdos conscientes e inconscientes. Esse intercâmbio mental é o que Moreno (1975) denomina de co-consciente e co-inconsciente.

Segundo Naffah Neto (1997),

O conceito de co-inconsciente representa um esforço (...) de caracterizar o inconsciente não mais como uma dimensão intrapsíquica e que se esconde no âmago de cada um, mas como uma dimensão presente na própria vida intersubjetiva, nesse drama representado a muitos e que tem suas raízes na própria cultura, sua ordem, suas prescrições, seus tabus, suas ideologias, sempre impregnadas daquilo que Moreno chamava de “conservas culturais” (p. 126).

O que Moreno chama de átomo social

designa, pois, os horizontes de um espaço social, definido pela intersubjetividade e que circunscreve um campo de interação de vários sujeitos; interpenetração, oposição e síntese do atual e do virtual, do real e do imaginário, do co-consciente e do co-inconsciente. (...) Os sociólogos aceitam tacitamente uma escala que começa pelo indivíduo e termina com o universo inteiro. Nós, os sociômetras, recusamos esse ponto de vista. É o átomo social que constitui a menor unidade social e não o indivíduo. (...) Com o conceito de átomo social, reencontramos a interioridade que (...) definia a própria sociometria nas suas propostas metodológicas (Naffah Neto, 1997, p. 171).

Nesse sentido, a sociometria deixa de se tornar cega, ao tentar um trabalho macrosociológico e atinge seus objetivos no microsociológico, enfocando a unidade de pesquisa do indivíduo para seu meio social, mantendo, porém, um espaço para a compreensão da subjetividade. No espaço grupal e intergrupal, a sociometria busca promover a co-criação, ou seja, a criação conjunta, possibilitada pelo encontro do fator espontaneidade das pessoas (Aguiar, 1990; Nery, 2003; Perazzo, 1994).

A sociodinâmica utiliza o método de *role-playing* ou de interpretação de papéis. Os papéis sociais são as unidades culturais de conduta, que operacionalizam o funcionamento do eu, nos diversos momentos e contextos sociais. Para Naffah Neto (1997), os papéis sociais e os vínculos por eles formados “*representam os nós cristalizados de uma rede no interior da qual se camufla o drama coletivo: é partindo deles, pois, que se pode ter acesso à dinâmica microsociológica de todo um processo social*” (p. 197).

Nesse sentido, segundo o autor, o conceito de papel social

pressupõe o conceito de classe social e vice-versa (...). Os papéis sociais, sua estrutura e dinâmica próprias, nada mais fazem que repetir e concretizar, num âmbito microsociológico, a estrutura de contradição e oposição básicas, que se realiza num âmbito maior entre papéis históricos, constituída pela relação dominador-dominado (p. 209).

Dessa forma, o autor, ao integrar as concepções marxistas e morenianas, revela um outro tipo de papel que circunscreve os papéis sociais e expõe a relação dominador-dominado: os papéis históricos. Portanto, para Naffah Neto (1997), a sociometria tem seu espaço no campo microsociológico e não pode dar conta de uma visão estrutural da sociedade. O drama humano é tão amplo e contraditório que resulta difícil um projeto abarcar todas as suas dimensões. Por isso, a sionomia tem seu lugar, como uma revolução, dentre as diversas revoluções possíveis de serem realizadas na sociedade, principalmente quando integra as contribuições marxistas em seu projeto terapêutico.

No processo intergrupal, além da afetividade, é inevitável o exercício do poder. Turner (2005) concebe o poder como a capacidade de influenciar, ou seja, de controlar os recursos valorizados ou desejados pelos outros. O autor enfatiza a identidade grupal, a história e a organização social e a ideologia, mais do que a dependência, como base do poder. A persuasão,

a autoridade e a coerção são ações relacionadas ao poder. A teoria dos três processos argumenta que a formação psicológica do grupo produz influência e esta é a base do poder que conduz ao controle dos recursos.

As políticas raciais afirmativas

Conflitos grupais, crises e mudanças em uma organização ou comunidade promovem diversos tipos de sofrimento nos indivíduos e grupos que dela participam. Por exemplo, o fenômeno “política de cotas para negros para o ingresso em universidade”, acarreta diversos tipos de conflitos intergrupais e necessita ser observado sob vários ângulos. As ações afirmativas são políticas públicas ou privadas que visam aplacar o déficit de cidadania vivido historicamente por algum grupo minoritário no país. No caso da população negra, os estudos sobre a desigualdade racial desenvolvida por várias instituições, tais como o Banco Interamericano do Desenvolvimento (BID), o Instituto de Pesquisas em Economia Aplicada (IPEA) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontam para um racismo de resultados vigente no Brasil (Santos & Lobato, 2003).

As políticas afirmativas para afrodescendentes despertaram no país, a partir de 2000, vários debates sobre as questões e os sofrimentos da população negra (Carvalho & Segato, 2002; Gomes, 2001; Queiroz, 2004). A desigualdade racial também é fruto de um racismo típico brasileiro, denunciado como invisível (Carone & Bento, 2002), ou seja, não é explícito, está escamoteado pela ideologia da democracia racial e pelas políticas de branqueamento; produz a exclusão de processos de identidade do negro e de sua cultura; silencia a luta do negro em se desenvolver como coletividade; impede, fomentado pela ideologia capitalista, seu acesso a bens e direitos públicos.

A Universidade de Brasília (UnB), em 2001, reconheceu estatisticamente a desigualdade racial em relação aos estudantes: dos 26 mil alunos, apenas 2% eram negros. Os professores Jorge de Carvalho e Rita Segato (2002), diante desse fato, apresentaram a “Proposta para Implementação de um Sistema de Cotas para Negros na Universidade de Brasília” para o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da UnB, que foi aprovada em junho de 2003. A proposta foi a de uma reserva de 20% das vagas do vestibular e do Programa de Avaliação Seriada para estudantes negros (pretos e pardos), a ser implantada por um período de 10 anos.

Dentre as pesquisas sobre as políticas raciais afirmativas destaca-se a de Elizondo e Crosby (2004) que utilizaram questionários com estudantes latino-americanos para avaliar as atitudes em relação às ações afirmativas e concluíram que quanto mais os estudantes latinos se identificam com seus grupos étnicos, mais eles aceitam as ações afirmativas e não se sentem inferiores por causa delas. Sheldon e Bettencourt (2002) concluíram que sentimentos de pertinência grupal, de destaque da personalidade dos membros e da distinção do grupo em relação aos outros, favorecem o humor positivo dos participantes do grupo.

O sociodrama como método de pesquisa ativo

A idéia fixa moreniana de que a subjetividade se tornaria objetiva na medida em que fosse vivida e expressa, se conjugou à sua história de vida. Moreno (1975, 1978), viveu na Viena em guerra do início do século, impregnou-se da filosofia existencialista, das experiências com teatro e da seita judaica conhecida como hassidismo.

A história e a visão de mundo de Moreno estão concretizadas em pesquisas e teorias relacionadas às relações humanas, a partir de uma epistemologia que pressupõe a expressão da subjetividade advinda da ação espontânea. Simultaneamente, o autor desenvolveu diversos métodos ativos de pesquisa e de tratamento das relações humanas.

O Teatro Espontâneo foi o primeiro método socioterapêutico criado por Moreno, em 1921, e logo após surgiram a Psicoterapia de Grupo, os Jogos Dramáticos, o *Role-Playing*, o Psicodrama e o Sociodrama. Todos esses métodos de ação, ressaltadas suas especificidades, buscam dar voz aos sujeitos em sofrimento e às minorias sociais, dentre elas, crianças, prostitutas, negros, prisioneiros, doentes mentais. Todos podem protagonizar seus dramas e buscar saídas para seus conflitos em uma dramaturgia espontânea.

O sociodrama é um método ativo de investigação e de intervenção em grupos sociais. O primeiro sociodrama realizado por Moreno foi na Viena de 1925, quando a Austria sofria com o impacto da primeira guerra. Neste acontecimento, Moreno colocou no palco do teatro uma poltrona e indagou à platéia quem desejaria ocupar a poltrona, isto é, ser o rei do país e propor soluções para o seu momento socio-histórico. Já na década de 1930, nos Estados Unidos, Moreno (1975) realizou sociodramas políticos ou da diversidade, inclusive, relacionados aos conflitos entre negros-brancos no bairro do Harlem.

Segundo Moreno (1975):

O verdadeiro sujeito do sociodrama é o grupo. (...) Há conflitos nos quais estão envolvidos fatores coletivos (...) supra-individuais (...) e que têm que ser compreendidos e controlados por meios diferentes. (...) pode-se, na forma de sociodrama, tanto explorar, como tratar, simultaneamente, os conflitos que surgem entre duas ordens culturais distintas e, ao mesmo tempo, pela mesma ação, empreender a mudança de atitude dos membros de uma cultura a respeito dos membros da outra (pp. 413-415).

Quanto ao desenvolvimento do psicodrama e do sociodrama, é preciso notar que seus objetos não se definem

de um lado, pela *psyché* e de outro pelo *socius*, mas unicamente que no psicodrama se busca a objetivação de uma experiência subjetiva, enquanto no sociodrama se busca a subjetivação de uma realidade objetiva; entre ator e o drama, que constitui a meta básica a ser atingida (Naffah Neto, 1997, p. 258).

Tecnicamente, em um ato sociodramático, o diretor segue as etapas propostas por Moreno (1974, 1975) para que todos os membros do grupo se mobilizem e participem do evento: 1) Aquecimento: preparação dos membros do grupo para o evento; 2) Dramatização: aprofundamento ou vivência do tema/problema por meio de cenas, personagens e interações pelos membros do grupo, com a tentativa de resolução dos conflitos. 3) Comentários, fase de compartilhamento de sentimentos e análise das ações no evento; 4) Processamento teórico ou leitura sociocultural do momento do grupo, com uma análise sociocultural, realizados pela unidade funcional. A unidade funcional é a equipe formada pelo diretor e egos-auxiliares (colaboradores), que têm a função de reforçar a participação e ação dos membros do grupo do evento.

Durante a dramatização, existem técnicas ativas, que visam desbloquear os entraves que impedem a espontaneidade-criatividade do grupo e alcançar a co-criação. Algumas técnicas, utilizadas pelo diretor ou pelos egos-auxiliares, são: técnica do duplo: o diretor ou seus colaboradores expressam o que os membros do grupo não conseguem expressar; técnica do espelho: o diretor ou colaboradores mostram fisicamente como o grupo está, ou como a cena ocorre, para que o grupo se observe; a técnica da inversão de papéis: o diretor solicita que a pessoa (ou subgrupo) que está num papel numa cena, inverta de lugar com o outro, sinta e se comporte de acordo com este papel com-

plementar, a técnica da interpolação de resistência, que consiste em que o diretor introduza algum novo elemento na cena, como um personagem, uma nova situação, um diálogo platéia-personagem, para que o grupo dê respostas novas em relação à situação-problema, que está sendo dramatizada.

O sociodramatista tem as funções principais de explicitar a voz do protagonista e de clarificar os temas emergentes de um grupo ou da sociedade.

Neste sentido, o diretor seguirá as etapas do encontro, por meio de um procedimento específico, elaborado de acordo com os objetivos, momento e demanda do grupo (Kellerman, 1998). Porém, há ampla margem para a criação conjunta, pois se trata de um método que busca a verdade do sujeito ou do grupo por meio da ação, explicitada numa temporalidade-espacialidade indivisível, momentânea e única, consoante ao *modus operandi* de cada um e em *status nascendi*. Por isso é fundamental que, tanto o diretor, como os egos-auxiliares, sejam treinados em Psicodrama, para que o método sociodramático seja usado adequadamente.

MÉTODO

A pesquisa de grupos contém uma multidimensionalidade de fatores que exigem métodos e técnicas participativas, mais próximas da realidade. Nessa pesquisa, usou-se o sociodrama e o interesse do estudo recaí sobre a afetividade presente na interação racial a partir da implantação do sistema de cotas na universidade. Para tanto, são apresentados os resultados de dois sociodramas realizados com alunos de graduação de psicologia no período inicial da vigência do sistema de cotas na Universidade de Brasília.

A proposta do sociodrama das cotas para negros na universidade surgiu no contexto da disciplina “Psicodrama” do curso de graduação em Psicologia da UnB. A atividade foi realizada por uma psicodramatista que compunha com a professora da disciplina, uma unidade funcional. Foram realizados dois sociodramas, um no dia 07.06.2005 e outro no dia 14.06.2005, de 8h às 10h. No primeiro, estiveram presentes 24 alunos, sendo três do sexo masculino e 21 do sexo feminino, dos quais quatro eram negros. No segundo encontro compareceram 23 alunos (19 mulheres e quatro homens), dentre eles, quatro negros (a categoria negro utilizada foi a proporcionada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE que classifica os indivíduos em pardos e pretos). A idade média dos participantes foi de 22 anos e cursavam entre o 5º e o 7º semestre

do curso de graduação em Psicologia. Todos os alunos foram convidados a participar do sociodrama, tendo liberdade para saírem da atividade ou dela participarem apenas como platéia. Ficaram conscientes de que os dados produzidos no evento seriam utilizados como base para pesquisa e foi obtida a aquiescência de cada membro do grupo.

Neste período vivia-se um momento histórico de “inclusão racial” na UnB, tendo-sido realizadas diversas atividades acadêmicas com esse intuito, tais como palestras, encontros e debates. Esse fator contribuiu para que os alunos se interessassem em debater o tema em sala de aula. Além disso, os alunos estavam motivados em conhecer o método sociodramático. Em ambos os eventos os alunos participaram ativamente das discussões, das dramatizações e dos comentários. No primeiro sociodrama, apenas quatro pessoas ficaram de platéia durante a dramatização, mas participaram dos subgrupos. No segundo evento, todos participaram em alguma etapa do evento, contribuindo para a criação coletiva.

Procedimento

O procedimento sociodramático do primeiro evento seguiu as seguintes etapas:

1 – Após o aquecimento inespecífico: a diretora pediu para que o grupo dissesse que sentimentos e emoções os temas “cotas para negros ingressarem na universidade” ou “inclusão racial” faziam emergir.

2 – O grupo foi subdividido em três subgrupos (de acordo com a identificação em relação aos sentimentos). Foram designados, respectivamente, como grupos A, B e C.

3 – Os membros dos subgrupos conversaram sobre o tema, os sentimentos que emergiram e relataram cenas vividas em relação à inclusão racial.

4 – Cada subgrupo escolheu uma cena e programou uma dramatização.

(A unidade funcional auxiliou os subgrupos nas escolhas dos papéis e desenvolvimento das cenas escolhidas).

5 – Cada subgrupo apresentou sua dramatização. A diretora explorou a cena, pedindo a sua rerepresentação ou de alguma parte dela, e usou técnicas psicodramáticas.

6 – Após a exploração sociodramática das cenas, a diretora pediu para a platéia conversar com os personagens.

7 – A diretora pediu que o grupo todo fizesse uma imagem da “inclusão racial” (técnica psicodramática em que as pessoas expressam corporalmente e de maneira estática o que sentiram e perceberam do tema).

8 – Comentários.

9 – Fechamento do evento com chuva de palavras e sentimentos.

O procedimento sociodramático do segundo evento seguiu as seguintes etapas:

1 – Aquecimento: a diretora solicitou que fosse feito um círculo com as cadeiras, para que todos ficassem sentados virados para o centro. A unidade funcional conversou com o grupo sobre o sociodrama anterior e perguntou aos participantes o que sentiram e de que personagens sentiram falta.

2 – Dramatização: a partir da conversa inicial, a diretora propôs à ego-auxiliar que incorporasse personagens relacionados ao tema da inclusão racial e que não estiveram presentes ao sociodrama anterior.

3 – A diretora solicitou que a platéia conversasse com os personagens e pediu que ela representasse novos personagens, quando achasse necessário.

7 – Sociometria grupal em torno dos personagens protagônicos e debates.

8 – Comentários.

Resultados do primeiro sociodrama

No primeiro sociodrama, no aquecimento, os sentimentos surgidos em relação ao tema foram: incapacidade, preocupação, estranhamento, dúvida, expectativa, utopia, possibilidade, frustração, impotência, tristeza, injustiça.

A cena escolhida e dramatizada pelo subgrupo A, após o debate entre eles, foi: Encontro de ex-colegas de um colégio, na universidade. Alguns alunos ficaram surpresos em ver que a colega negra havia entrado na universidade pelo sistema de cotas. Houve comentários de indignação por causa do ingresso, pois se dizia que ela não estudava quando era estudante secundarista.

Personagem – branca que discrimina: – “Você contrataria alguém assim para sua empresa, que entrou pelas cotas e não sabe nada?...”

Personagem – Colega: – “Ah, isso é um problema sério...”

Inicia-se uma discussão sobre as cotas, na qual alguns defendem, outros criticam.

A **personagem – negra** entra em cena e todos ficam cochichando.

A diretora pede para a platéia fazer perguntas ou comentários aos personagens da cena.

Platéia pergunta a personagem negra: – “Você sentiu discriminação?...”

Personagem negra que passou sem estudar: – “Já senti discriminação, mas eu nunca ia entrar de outro jeito mesmo! Eu vou provar para todos aqui que eu dou conta. Pensei que não ia ter preconceito...”

Da platéia, surge um participante querendo representar outro personagem, **o estudante branco-obeso**.

Personagem – Estudante branco-obeso: – “Eu tive altíssima nota, mas não entrei no último vestibular, porque alunos com notas inferiores a minha entraram pelo sistema de cotas. Tenho uma história de preconceito na escola, por ser obeso, e sou muito estudioso. Eu nunca fui muito incluído na escola, sempre fui gordinho. Eu mereço passar no vestibular, tanto quanto o negro”.

Personagem – branca que discrimina: – “Taí, um cara estudioso se mata para entrar na universidade e não entra! Agora, tem condição? Alguém que fez permanente no cabelo para tirar a foto, ser aprovado para as cotas?”

Sentimentos da turma no final da apresentação: “injustiça”, “raiva”, “indignação”, “compaixão”, “revolta”, “preconceito”, “sorte”, “agraciada”.

Cena escolhida pelo subgrupo B (síntese): Participação de um grupo em uma palestra sobre sistema de cotas para o ingresso de negros na universidade. Surge um debate entre o grupo e o professor.

Personagem – Palestrante branco: – “Quem se considera negro?” (Uma pessoa levanta a mão).

Personagem – Palestrante branco: (fala sobre a história da raça negra no Brasil, sobre escravidão, desigualdade racial e a importância da política de cotas para negros). Inicia-se um debate.

Personagem – Ouvinte desfavorável 1: – “Desculpa mas isso não deveria ser para quem é pobre? No Brasil há democracia racial!”

Personagem – Palestrante branco: – “A classe pobre é composta em sua maioria pelos negros.”

Personagem – Ouvinte desfavorável 2: “Ninguém vê racismo aqui, não há conflitos, e eu não sou racista!”

Personagem – Palestrante branco: “Nossa história e dia-a-dia demonstram nosso racismo!”

Ao final da palestra, o **personagem – palestrante branco** pergunta: – “Quem se considera negro aqui?” (Quase todos levantam a mão.)

A diretora, então, pede que a platéia dialogue com os personagens.

Platéia – expectadora negra: – “Acredito que haja outras maneiras de se promover o negro, sem humilhá-lo.”

Personagem – Palestrante branco: – “Mais humilhação que os negros vivem com a desigualdade racial?”

Platéia – expectadora negra: – “Eu sei de mim o que é viver o preconceito!”

Personagem – Palestrante branco: “Fale sobre isso... é importante para nós...”

Platéia – expectadora negra: – “Não quero me expor, apenas defendo que outras políticas podem ser pensadas...”

Platéia – Aluno desfavorável: – “Eu acho que o sistema de cotas é um paliativo, o importante das cotas é que traz mais igualdade, mas, ao mesmo tempo, o verdadeiro problema é a renda!”

Sentimentos do grupo: “raiva”, “mais dúvida”, “mais estranhamento”.

Cena escolhida pelo subgrupo C: Um Professor ministra uma aula, objetivando a reflexão sobre o sistema de cotas, com seus alunos.

Personagem – Professor: – “O que pensam sobre isso?”

Personagem – Aluno desfavorável: – “Eu acho que pode aumentar a exclusão...”

Personagem – Aluno negro que se esforça: – “Eu sou negro e não entrei pelas cotas, acho que os outros podem fazer o mesmo. É questão de esforço!”

A diretora pede diálogo da platéia com personagens:

Platéia (branco questionador): – “Você tem mais colegas negros aqui na Universidade?”

Personagem – Aluno negro que se esforça: – “Não.”

Platéia (branco questionador): – “Você é regra ou exceção?”

Personagem – Aluno negro que se esforça: – “Eu sou exceção... Mas é só querer!!!”

Sentimentos da turma: “incômodo”, “injustiça”.

Após a apresentação das cenas, a diretora pediu para os participantes se aproximarem dos personagens

que mais provocaram sentimentos positivos ou negativos. A diretora pediu para que expressem os motivos da aproximação.

Aluna negra para a Personagem – branca que discrimina: – “Queria te esganar! Mas, ao mesmo tempo, você é necessária...”

Para o **Personagem – negro que se esforça:** – “Você me comoveu porque não me parece real, porque a gente sabe que não é só estudar! Você acha que é fácil...”

Para o **Personagem – branco-obeso:** – “Você me comoveu por estar há cinco anos tentando passar!” – “Você me comoveu justamente porque eu acho que você não é o único e sua história é tão difícil quanto a dos negros!”

Para a **Personagem – negra que passou sem estudar:** – “Você é cara de pau e entrou sem estudar!” “Aqui é um lugar de muita dedicação!”

Sentimentos do grupo: “inquietude”, “injustiça”, “confusão”, “mudança”, “ignorância”, “egoísmo”.

Comentários finais:

- “Nunca falei muito sobre isso, na verdade nunca tive opinião formada, mas essa situação me passou a sensação de revolta com o estudante que está tentando passar. Acredito que as cotas sejam mais negativas do que positivas”.

- “Sinto muito que nós estudantes acadêmicos ainda não temos consciência social!”

- “Sinto um incômodo. O tema relevante é educação e as cotas enfocam o preconceito, não vejo nenhuma relação, o que deveria ser focado é a pobreza. Deveriam se trabalhar as bases”.

Sentimentos: “necessidade de ética”, “de conhecer mais o assunto”, “incômodo, mal estar”.

Resultados do segundo sociodrama

Síntese do evento: Ao longo da conversa inicial com os participantes, eles alertaram sobre a falta de dois personagens no sociodrama anterior: o **Negro mediano** (ou João da Silva) e o **Negro/Escravo**. Outros personagens que surgiram ao longo da dramatização foram: *fazendeiro rico*, *branco que quer manter seus privilégios*, *negro favorável às cotas*, *negro questionador*, *aluna temerosa*.

No aquecimento, a diretora solicitou à platéia que fosse feito um círculo e perguntou: – “O que vocês sentiram com o sociodrama anterior e em que ele os beneficiou?” Os alunos responderam que o sociodra-

ma fez com que pensassem o quanto se tem dificuldade em trabalhar o preconceito e reconheceram que a maior parte das pessoas não conhece bem a história dos negros. Os sentimentos que surgiram foram de incômodo e interesse pelo tema.

Diretora: – “Que personagem faltou no sociodrama anterior?”

Responderam: – “A informação”; “Um negro que traz a história de sua raça”; “O governo, a sociedade...”

Aluno negro: – “Senti falta do negro mediano. Nem inteligente demais, nem estúpido demais”.

A diretora pede para a ego-auxiliar para interpretar o personagem **João da Silva, um negro mediano**, e solicita que a platéia trave um diálogo com ele.

Platéia – Aluno A: – “O que você deseja para a sua vida?”

Personagem – João da Silva: – “Quero ser alguém, alguém com estudo”.

Após o diálogo, a diretora pede duplos de João da Silva, ou seja, pessoas que expressem seus sentimentos mais íntimos:

Platéia – Aluno A: – “Vocês não sabem o que é ir procurar emprego e não conseguir por que se é negro”.

Várias questões foram levantadas pela platéia, dentre elas:

Platéia – Aluna grávida: – “Sou discriminada por ser mulher e estar grávida”.

Platéia – Aluno A: – “Isso mostra que há vários tipos de preconceitos...”

Após esse primeiro momento, a diretora pede: – “Vamos convidar outros personagens a estarem conosco?”. E pede para a Ego-auxiliar representar o negro que traz a história de sua raça. Surge o **personagem – negro/escravo**, submisso.

Diretora: – “A partir de agora, você está liberto... Pode ir embora e cuidar de sua vida...”

Personagem – negro/escravo: – “Mas, para onde, senhora?”

Platéia – Aluno negro tenta conversar com o **Personagem – negro/escravo** e o chama para se sentar.

Platéia – Aluno A: – “Não permita que o escravo se sente, porque pode sujar a cadeira! Ele não tem higiene, não sabe se limpar!”

A diretora pergunta ao aluno A, que se manifestou espontaneamente da platéia, quem é seu personagem, nesse momento.

Platéia – Aluno A: (incorpora um personagem) “Sou fazendeiro rico. Minha família é só de brancos. Ofereço ao negro um tostão para que ele venha trabalhar comigo na fazenda!”

Após um diálogo entre esses personagens, a diretora diz: – “Os anos se passaram... Estamos no início da industrialização no Brasil...” Dirige-se ao aluno A que fazia o papel fazendeiro rico. – “Você fará o papel do industrial. Por quanto vai contratar esse negro?” (Com esta técnica “interpolação de resistência”, a diretora pretendia demonstrar que ao longo da história do Brasil, o negro, em vários momentos e de diversas maneiras, foi discriminado e excluído. Como foi dito na seção sobre método, a diretora participa ativamente, usando as técnicas psicodramáticas e criando com o grupo. O objetivo principal das técnicas é destravar bloqueios da espontaneidade de algum personagem ou da trama vivida pelo grupo, que a diretora, naquele momento, consegue captar).

Personagem – Industrial: – “Acredito que um tostão e meio. Fará faxina... Poderá trabalhar umas quatorze horas...”

Diretora: – “Tem algum negro na direção de sua indústria?”

Personagem – Industrial (zombando): – “Que é isso?”

Logo depois, a diretora sugere: – “Os anos se passaram e estamos na época atual...” Dirige-se para o aluno que faz o personagem industrial. – “Agora você é um empresário... E está contratando esse negro para a sua multinacional...” (A intenção da diretora foi a mesma da intervenção anterior).

Personagem – Empresário: – “Que bom, preciso de alguém que faça a limpeza, ou coloque os parafusos nas máquinas... posso contratar por meio salário mínimo...”

Diretora: – “Você tem funcionários negros em cargos de supervisão, ou de direção?”

Personagem – Empresário: – “Não...”

Diretora propõe: – “Agora, o personagem negro/escravo se tornará um negro que é favorável ao sistema de cotas...”

Personagem – negro favorável ao sistema de cotas: – “Essa é uma luta... de uma raça que foi historicamente oprimida por outra, que foi historicamente discriminada por outra”.

Diretora: – “A platéia pode vir ajudar esse negro se expressar?”

Aluno fazendo Duplo 1: – “É uma medida provisória pra sanar tanta injustiça que nossa raça viveu...”

Aluno fazendo Duplo 2: – “Estamos precisando conquistar mais espaço, ter oportunidade de acesso...”

Após vários questionamentos da platéia, a diretora faz o personagem do **Branco que quer manter os privilégios** e diz: – “Mas você está roubando o que é meu! A universidade é minha!” (Mais uma vez, a diretora usa a técnica de interpolação de resistências, para instigar a manifestação do grupo, em relação ao novo personagem)

Platéia que faz Duplo do negro favorável: – “O bolo não é só de vocês, brancos...”

Após um momento de intensa ação, a diretora deixa de fazer o **personagem – Branco que quer manter seu privilégio** e pergunta ao **personagem – negro favorável:** – “Como você está se sentindo?”

Personagem -negro favorável: – “Muito só e triste com tudo isso...”

Diretora: – “Alguém do grupo está junto com esse negro? Quem estiver se aproxime dele.”

Metade do grupo se aproximou.

Diretora: – “Agora vocês são um grupo, com identidade e objetivo...”

Surge da platéia um personagem: o **negro que questiona o grupo.**

Personagem – negro questionador: – “Você não está vendo que esse sistema acirra a agressividade, o racismo? Não existe outra forma? Vocês agora estão destacados, como um grupo que é contra o outro...”

Personagem – negro favorável: – “Estamos num país desigual... precisamos fazer algo por isso...”

Após muita discussão, a **Aluna B** diz: – “Os ânimos estão muito exaltados tanto do lado dos brancos como do lado dos negros. Há um grande confronto e isto não é bom.”

Personagem – negro favorável: – “Mas, nem todo confronto é pacífico... e esse é o momento de exacerbar as diferenças... e dói para todos...”

Alguns comentários e sentimentos dos alunos:

– “Hoje ficou intensa a exposição de todos. Sinto-me mais aliviada.”

– “Acho que minha consciência em relação ao tema aumentou, vejo a importância da luta negra...”

– “Hoje os personagens nos mostraram novos fundamentos e formas de viver a questão. Estou bem.”

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro sociodrama, o discurso dos participantes, em sua maioria, foi racional, distanciado, carregado de preconceitos e com escassa informação sobre a política de cotas para negros. Dentre as falas destacam-se: *as cotas gerarão mais preconceito; as cotas não contemplam a questão social e sim a racial; as cotas fomentam o oportunismo de pessoas face à polêmica de quem é negro no país e as cotas impedem que o negro vença por esforço próprio.*

As cenas escolhidas pelos subgrupos foram semelhantes, denotando estrutura grupal coesa, com conteúdos co-conscientes e explicitação de conteúdos co-inconscientes relacionados à atitude desfavorável em relação à política racial. A participação do grupo caminhou da indiferenciação, caracterizada em cenas semelhantes, para a diferenciação horizontal, ao longo das dramatizações, quando os personagens brancos e negros revelavam discursos e emoções que reproduziam o discurso dominante. As diferenciações verticais surgiram em momentos de maior comoção, nos quais expressava-se indignação em relação ao sistema de cotas ou à desigualdade racial, porém nenhum personagem negro defendeu com veemência o sistema de cotas, nem explorou o sofrimento do negro. Isso demonstrou a des-identificação ou a des-categorização dos negros do grupo, que não salientaram a identidade grupal, mas se misturaram ao discurso branco dominante.

As escolhas sociométricas fluíram dinamicamente do afastamento emocional da realidade do negro, até à atração em relação a realidade do branco, que, segundo os participantes, também sofre outros tipos de preconceito.

O percurso emocional dos personagens e do grupo denotou prevalência de sentimentos e estados emocionais de incômodo, injustiça, preconceito, confusão, raiva, ignorância, egoísmo. Esse percurso indicou a presença da discriminação e do mal-estar diante das questões raciais. O sociodrama revelou indícios do racismo moderno (Macconahay, 1986), uma teoria das atitudes raciais contemporâneas que afirma que os desafetos dos indivíduos brancos para os negros são expressos indireta e simbolicamente, em termos de oposição às políticas destinadas à promoção da igualdade racial. Esse tipo de racismo contrasta com as formas antigas, mais ativas e explícitas.

O racismo moderno mostrou-se presente na dificuldade de reconhecimento da desigualdade racial, que propiciasse alguma ação crítica e política em relação à questão; no argumento protagônico de que todos

sofrem alguma discriminação sendo branco ou negro; na falta de interesse em ampliar a consciência sobre o sofrimento da população negra; e em argumentos carregados de noções superadas: “há democracia racial”, “quem é negro no país?”, “eu não sou racista”, “isso não me diz respeito”.

No segundo sociodrama, as falas mais frequentes foram relacionados à importância da consciência da desigualdade racial e do sofrimento do negro, ao desejo de manutenção dos privilégios por parte dos brancos, ao medo da violência racial. A cena protagônica foi a do enfrentamento do grupo dos favoráveis ao sistema de cotas com o negro questionador. Os sentimentos denotaram expressões em relação à discriminação e ao medo da violência racial: timidez, desconfiança, submissão, bem-estar perdido, humilhação, exploração, desejo de manter privilégios, raiva, solidão, tristeza, medo de acirrar a violência, alívio.

Nesse sociodrama, a co-criação (ou a exploração dos conteúdos co-conscientes e co-inconscientes) entre grupo, diretora e ego-auxiliar possibilitou intervenções no sentido de reproduzir a história do negro na sociedade brasileira. Nesse evento, ficou mais explícita a participação da pesquisadora, na função de “catalisadora” dos movimentos latentes de transformação do grupo.

Ao longo da dramatização, os personagens negros representaram vínculos sociais históricos e tentaram instigar emoções da platéia que contribuíssem para o aumento da expansividade afetiva em relação à dor da exclusão racial. Porém, os personagens brancos, em sua maioria, mantiveram o discurso relacionado à necessidade de esforço pessoal para a saída da exclusão e reproduziram as relações de poder.

Na sociodinâmica, prevaleceu a diferenciação vertical que favoreceu a saliência das categorias: grupo dos negros/brancos favoráveis e grupo dos negros/brancos questionadores do sistema de cotas. Nesse confronto, os personagens negros e seus duplos da platéia (feitos também por dois negros), tentaram expressar, com mais veemência do que no sociodrama anterior, a necessidade da inclusão racial.

As escolhas sociométricas fluíram dinamicamente do afastamento emocional em relação à realidade do negro até a autopermissão para a vivência dela. Observou-se, portanto, um indício de expansividade afetiva, por meio dos duplos em relação aos personagens negros históricos que surgiram e do debate dos subgrupos emergidos. Os discursos dos personagens e da platéia foram mais fundamentados em relação à polí-

tica racial afirmativa, porém, ainda surgiram algumas falas superadas em relação à questão, por exemplo: – “É preciso encontrar políticas que não acirrem a violência racial”; “É preciso ver que os brancos também sofrem discriminações....”.

CONCLUSÕES

O sociodrama, enquanto método de pesquisa, possibilita a obtenção de dados relativos aos processos cognitivos, emocionais e interativos em relação a uma situação-problema, bem como auxilia na análise dos níveis individual, grupal e intergrupal.

Os papéis sociais representados nos sociodramas (enquanto personagens) repetiram, num âmbito microsociológico, as contradições, as oposições, as relações dominador-dominado, que se encontram na sociedade. Os sociodramas revelaram, portanto, os papéis históricos (Naffah Neto, 1997) circunscritos nos papéis sociais. Nesse sentido, o papel social de “cotista” e sua complementação com o papel do “não-cotista” (que estão emergindo neste momento histórico da UnB) concretizam e desvelam tramas e ideologias relacionadas à luta de classes, ao racismo e às especificidades das desigualdades sociais brasileiras.

O primeiro sociodrama teve um enfoque diagnóstico ou exploratório, pois a co-criação do grupo demonstrou preconceitos e estigmas da maioria dos participantes em relação aos negros.

Neste evento, diferentemente dos resultados de Elizondo e Crosby (2004), as atitudes da maioria dos negros equivaleu às dos brancos. A maior parte dos negros não evidenciou a identidade negra. Este fato produziu a hipótese de que, enquanto o negro do grupo se insere no discurso dominante do branco, não corre o risco de exclusão explícita e visível.

Porém, a tentativa de alcançar uma identidade social do negro positiva e distinta (Tajfel & Turner, 1986) explicitada em suas características histórico-culturais é, nesse momento, fundamental para a exploração dos conflitos raciais no Brasil, posto que, nesse país, o racismo invisível e de resultados é predominante.

O segundo sociodrama teve um enfoque interventivo, pois a intersubjetividade (ou os processos co-conscientes e co-inconscientes) entre participantes e unidade funcional enfocou a busca da mobilização do mundo atitudinal dos brancos, no sentido de se permi-

tir aprofundar a vivência em relação à história dos negros no Brasil.

Nesse sociodrama, a identidade negra, explicitada pelos personagens negros – interpretados pela ego-auxiliar – estimulou o confronto intergrupal. Esse processo promoveu a exploração de uma emocionalidade inclusiva mediante a agonia da polêmica, o confronto com a diversidade, a inversão de papéis com os personagens protagônicos, a experiência do eu/outro e a nomeação dos sentimentos. Porém, em ambos sociodramas, observou-se indícios do racismo invisível e moderno.

Alguns posicionamentos dos participantes dos sociodramas apontaram para a necessidade de políticas efetivas na área social. No entanto, observou-se que os temas protagônicos da inclusão racial são: a urgente mobilização da consciência da negritude também pelos brancos e a luta por medidas que declinem a desigualdade socio-racial.

Apesar dos limites da socionomia, em sua tarefa revolucionária, pois seu campo de atuação é o microsociológico, em seus aspectos socio-afetivo, o método sociodramático, representa “*uma possibilidade de revolucionar as atitudes, de sacudir os comodismos e de fazer emergir o sujeito humano, como consciência prática de sua posição no mundo*” (Naffah Neto, 1997, pp. 259-260). As pesquisas têm provado que as iniciativas apoiadas na *hipótese do contato* (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 2000) só trazem resultados positivos quando realizadas em contextos de igualdade de *status* (Allport, 1954). Quando esta condição não é garantida, seus efeitos potencializam as tensões e os conflitos inter-raciais. Nesse sentido, para que o sistema de cotas nas universidades garanta seu propósito de inclusão racial é importante que se construam contextos propícios a essa igualdade de *status* e que se desconstruam as idéias associadas a uma condição de inferioridade de alunos que ingressem em tais condições.

Portanto, um dos desafios da política racial afirmativa é a redução do preconceito cujo sucesso não está garantido exclusivamente com a informação e sim, por meio da promoção de mudanças atitudinais. Nessa esteira, a vivência de sociodramas entre alunos universitários tem provado ser uma importante ferramenta que leva os alunos – pela via dos afetos, nas interações com seus pares –, a entrar em contato com o outro e consigo mesmo, a contatar suas crenças, seus níveis de consciência da realidade social e a iniciar a reformulação de impressões iniciais.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, M. (1990). *Teatro espontâneo e psicodrama*. São Paulo: Ágora.
- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Carone, I. & Bento, M. A. S. (Orgs.), (2002). *Psicologia social do racismo – Estudos sobre a branquitude e branqueamento no Brasil* (2ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Carvalho, J. J. & Segato, R. L. (2002). Proposta para implementação de um sistema de cotas para minorias raciais na Universidade de Brasília. *Série Antropologia*, 314, Brasília, Universidade de Brasília, mar. 2002. Obtido em 14 de outubro de 2003 do World Wide Web: http://www.unb.br/ics/dan/serie_antro.htm.
- Elizondo, E. & Crosby, F. (2004). Attitudes toward affirmative action as a function of the strength of ethnic identity among latino college students. *Journal of Applied Social Psychology*, 34 (9), 1773-1796.
- Gomes, J. B. (2001). *Ação afirmativa e princípio constitucional da igualdade – o direito como instrumento de transformação social*. Rio de Janeiro: Renovar.
- Kellerman, P. F. (1998). Sociodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 8, 51- 68.
- Knobel, A. M. (2004). *Moreno em ato: a construção do psicodrama a partir das práticas*. São Paulo: Ágora.
- Macconahay, J. B. (1986). Modern racism, ambivalence and the modern racism scale. Em J. F. Dovidio & S. L. Gaertner (Orgs.), *Prejudice, discrimination, and racism* (pp. 91-125). San Diego: Academic Press.
- Moreno, J. L. (1975). *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix.
- Moreno, J. L. (1978). *Who shall survive?* Beacon: Beacon House.
- Naffah Neto, A. (1997). *Psicodrama: descolonizando o imaginário*. São Paulo: Plexus.
- Nery, M. P. (2003). *Vínculo e afetividade – Caminhos das relações humanas*. São Paulo: Ágora.
- Perazzo, S. (1994). *Ainda e sempre psicodrama*. São Paulo: Ágora.
- Pettigrew, T. F. (1998). Intergroup contact theory. *Annual Review of Psychology*, 49, 65-85. Obtido em 25 de junho de 2005 do World Wide Web: www.arjournals.annualreviews.org.
- Queiroz, D. M. (2004). *Universidade e desigualdade – Brancos e negros no ensino superior*. Brasília: Liber Livro.
- Rodrigues, A., Assmar, E. M. L. & Jablonski, B. (2000). *Psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Santos, R. E & Lobato, F. (2003). *Ações afirmativas – Políticas públicas contra as desigualdades raciais*. São Paulo: DP&A.
- Sheldon, K. M. & Bettencourt, B. A. (2002). Psychological need-satisfaction and subjective well-being within social groups. *British Journal of Social Psychology*, 41 (1), 25-38.
- Tajfel, H. & Turner, J. C. (1986). The social identity theory of intergroup behavior. Em S. Worchel & G. Austin (Orgs.), *Psychology of intergroup relations* (pp. 7-24). Chicago: Nelson-Hall.
- Taylor, D. M. & Moghaddam, F. M. (1994). *Theories of intergroup relations: international social psychological perspectives* (2ª ed). London: Praeger.
- Turner, J. C. (2005). Explaining the nature of power: a three-process theory. *European Journal of Social Psychology*, 35 (1), 1-22. Obtido em junho de 2005 do World Wide Web: <http://www3.interscience.wiley.com/cgi-bin/jissue/109860540>.

Recebido: 30/05/2006

Revisado: 02/11/2006

Aceito: 18/12/2006

Sobre as autoras:

Maria da Penha Nery: Doutoranda em Psicologia Clínica, Universidade de Brasília

Maria Inês Gandolfo Conceição: Doutora em Psicologia, Universidade de Brasília

Endereço para correspondência: Profª. Drª. Maria Inês Gandolfo Conceição – Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia – Universidade de Brasília – Campus Universitário Darcy Ribeiro – 70910-099 Brasília – DF – Endereço eletrônico: inesgand@unb.br e mpnery@uol.com.br
